

CARAJAS, UM PLANO DE DESTRUIÇÃO

(TEXTO/LOCUÇÃO)

NAR.

A exploração do minério de ferro de Carajás, financiada pelo Banco Mundial, ~~para~~ CEE e ~~para~~ bancos alemães e japoneses, foi concebida, Na década de 70, para o pagamento da dívida externa brasileira.

Com a energia da hidrelétrica de Tucuruí e a construção de uma ferrovia de 890 km que cruza o sul do Pará e todo o Maranhão, a Companhia Vale do Rio Doce começou a exportar o minério em 1986.

Ao longo deste corredor de exportação ^{estão se instalando} foram implantadas ~~a~~ usinas de ferro gusa. Alimentadas com carvão vegetal da floresta nativa, elas vêm causando um impacto ambiental devastador ~~para~~ a Amazônia Oriental. ^{irreversível}

Os responsáveis por este enclave econômico minimizam sua responsabilidade ^{pela} destruição das matas ~~e~~ ^{omitindo} ~~emitem~~ ^{completamente} ~~totalmente~~ as questões sociais ^{para} a região de maior conflito pela posse da terra ~~no~~ país. ^{há grande preocupação de proteção ambiental de}

Na região maranhense de Buriticupú, por exemplo, ^{em} milhares de lavradores sem terra ocupam latifúndios "comprados" por empresas do sul e multinacionais, travando uma verdadeira guerra pela sobrevivência. ^{interna da CVR.}

LEB.

(VILA NOVA)

Aqui o pessoal chama "fazenda" porque botaram na nossa cabeça esse nome de "fazenda", não é?

No Piauí, por exemplo, fazenda é de gado. Não é, tem gado, tem plantio, tem muita coisa.

Aqui "fazenda" é o nome, mas o que existe mesmo é... cada grupo aqui tem uma grande serraria, ele monta aquela serraria e vai extrair a madeira daquilo que ele chama de "fazenda", mas é a mata, a floresta mesmo...

(VELHO POSSEIRO)

Quando a pessoa, os trabalhadores entram dentro de uma área, improdutiva, que é só mata, reunido para trabalhar, pra dar o sustento para a sua família, é quando se chega o ataque de uma polícia federal acompanhada de pistoleiros da fazenda.

Enquanto eles dizem que é uma área reservada e aguardada pelo IBDF, um fazendeiro colocado dentro da área com gado dentro, desmatando, explorando a área, e ainda diz que é para replantiar, enquanto nada replantiado tem dentro dessa área.

(CELIA/SMDDH)

Precisamente no dia 15 de agosto de 89 nós fomos procurados por uma comissão de cinco trabalhadores da fazenda Cikel denunciando a entrada de policiais na área, e que o IBAMA ali estaria porque a área se tratava de reserva florestal.

(CELINA)

Aí é que a gente vê que nesta área da reserva florestal, a polícia, junto com os técnicos do IBAMA, estão querendo defender a fazenda. Na sombra dessa reserva florestal, que não é tão grande assim, eles estão querendo defender o grande número de terra da Sikel.

(GAGO)

Chegaram oito polícia fardado, polícia federal, e chegaram os massacres da fazenda aí, que são os trabalhadores daí.

Eu peguei a espingarda, eles fizeram eu deitar, pegaram a espingarda, quebraram a espingarda no chão e queriam quebrar na minha cabeça ainda.

Aí fizeram eu deitar. Os outros correram e eles saíram atirando atrás.

E procuraram por nós com ordem de quem a gente estava naquela área.

Aí nós falamos que a gente estava a propósito do nosso trabalho que a gente estava lá dentro.

Aí eles falaram que essa área não podia, que essa área era do governo, não podia ser invadida por uns vagabundos como nós que estavam ocupando a área deles.

Aí nessa viagem que nós fomos, nós fomos massacrados pra lá, deitado, fizeram eu rolar em cima de um formigueiro ainda. Toquei a minha perna num toco ainda.

Eles pegavam nós era deitando assim, deitando as canelas da gente, com a arma da bicha armada, e eles cotucando com a arma: "Embora, caminha ligeiro!".

(CELINA)

Quando foi no dia seguinte, foi que o ônibus ia passando, o ônibus que entra lá de Açailândia à Capoema, aí eles pediram parada. Aí o rapaz do ônibus não parou, parou na Vila e quando um rapaz vizinho lá estava colocando uns sacos, eles chegaram, correram atrás do ônibus, e disseram assim: "Esse ônibus aqui é de carregar os invasores, cadê as armas daqui de dentro". Aí perguntaram pelas armas eu disse: "ai não tem arma, aí só tem saco".

Aí eles entraram dentro do ônibus, olharam realmente. Eles viram que eu tava falando a verdade, só encontraram saco, arma não tinha...

Aí chegou até um crente e disse: "tá aqui a minha arma" mostrou a Bíblia pra eles "tá aqui a minha arma".

Aí ele saiu, quando ele saiu, eu tava bem assim perto do meu compadre, e ele chegou assim pra ele, pra nós dois, com uma lista e começou a chamar o nome do povo que tava lá dentro. Aí disse assim: "Onde está o Ceará da viola, onde é que ele mora?".

(O ESPANCADO)

Aí eu falei: "Eu não conheço... quer dizer eu conheço a pessoa mas não está aqui agora". Aí ele disse: "Ah, agora ninguém conhece mais ninguém".

(CELINA)

Quando ele falou assim, aí o cara da polícia federal pegou nele assim e disse assim: "Embora cabra, diz teu nome neste instante, agora".

Aí ele não quis se identificar, ele não quis dar o nome dele e disse: "meu nome é António".

Aí ele empurrou assim o rapaz, quando ele saiu correndo, aí eles tornaram, avançaram, agarraram eles três, lutando pra algemar ele, algemar pra humilhar.

Ele não queria se entregar, daí caíram os quatro, três da polícia federal e saíram rolando assim pelo chão...

Nesta altura tinha uma meninazinha bem assim perto, uma menina dele, duas crianças chorando bastante e a mulher dele, com seis meses de gestante, tava muito sofrendo, tava muito nervosa, tava desfigurada só de ver aquilo naquela situação.

(ESPANCADO)

Eu fico assim com medo, de ficar aqui, tou saindo hoje pra ir embora, hoje é o que? Hoje é 30 de setembro, tou pegando um carro aqui as dez horas, daqui pras dez horas tou pegando o carro pra ir embora, porque, com medo deles chegarem aqui, virem atrás de mim aqui, então eu sou o mais perseguido porque aconteceu isso comigo aí com eles não é, eu acho que eles chegando aqui eles querem perseguir é eu. Aí eu digo: "Vou cair fora daqui, não dá pra mim ficar".

Pra vocês tudo de bom, alguma coisa de bom eu tou aqui de novo tá certo, tchau pra vocês

(VILA NOVA)

Se o sujeito tem medo de morrer tem que ir embora logo de imediato, porque aqui os jagunços anda é armado, é exposto aí, aí se torna uma região que você se acostuma.

E outra coisa, pra ele não morrer ele precisa estar disposto também a revidar, ele precisa estar disposto, se for preciso, até à matar.

(VELHO POSSEIRO)

Na segunda vez novo tiroteio assombrando os ocupantes da área, que éramos nós. Aonde eles alcançaram até donde tavam os compaheiros já entrincheirado atrás duns paus, com medo deles, mas não quiseram correr.

Eles se chegaram dando grandes tiroteios quando os compaheiros resolveram também responder, atirar de volta neles. Adonde foi mais de meia hora de tiro, tanto vinha como tanto ia.

(GAGO)

Eles começaram atirando e vinha de peito aberto. Aí os daqui atirava neles, caía.

Aí eles vinham também atirando, havia um atrás do pau e queria arrodiair aí outro atirava nele e caía.

Aí com esse negócio caiu um e disse: "me dá bala, me dá bala aí que eu tou querendo bala".

(VELHO POSSEIRO)

Aí acabou a munição tanto de um lado como de outro. E foi a conhecimento que realmente tinha gente no chão, ou vivo ou morto, mas tinha gente no chão, deles.

Agora dos nossos não foi nessa hora visado ninguém. Correram todos os compaheiros ganharam a mata e até hoje ainda não se pôde realmente saber se esses compaheiros estão todos salvos, porque não se sabe se saiu algum baleado.

Até agora nós já procuramos os compaheiros já encontramos uma parte e outros não foi aparecido ainda.

(VILA NOVA)

Você sabe aqui a grande maioria das terras é mata mesmo, floresta mesmo. E o trabalhador da região ele conhece pé de pau por pé de pau.

Então o maior medo rapaz quando vem um grupo de policiais assim é entrar na mata. Você vê nego rapaz assombrado, assombrado mesmo.

E os trabalhadores sabem bastante disso, eles se refugiam na mata.

Logo que: "Lá vem a polícia, vem atacar", a negrada caiu na mata, porque os que ficam nas casas, nos povoados eles prendem, mas na mata eles não entram um palmo.

(VELHO POSSEIRO)

No dia seguinte, dia 16, eles passaram a invadir uma área desapropriada que é a área Capoeira, de outros trabalhadores, outros posseiros.

Aonde eles botaram todo mundo pra correr das casas, dentro de 38 casas não ficou ninguém! Aonde chegaram a queimar até 7 casas, com tudo o que tinha dentro, quando atacaram com grandes tiroteios mas nós assistimos.

(CASA QUEIMADA 1)

Máquina de costura, novinha, rádio, taça, lanterna, tudo queimado aí.

Vasilha, olha isso aqui foi furado de bala. Bem aqui, olha, isso aqui foi bala, aqui e aqui atrás, foi rasgado bem aqui.

Um relógio de parede...

(CASA QUEIMADA 2)

Eles chegaram atirando, chegaram atirando aí, e botou todo mundo pra correr, e todo mundo subiu na serra logo, antes deles chegarem.

E aí muitas famílias tá perdido, ainda tá no alto ainda aí.

(CASA QUEIMADA 3)

Tinha feijão, milho. Olha o milho tá vendo os sabuguinhos dos milhos, eu já tinha carregado a metade, viu. A valença é que eu ainda deixei um bocadinho na roça. Se eu não tivesse deixado eu tinha ficado sem nada, nem para as galinhas eu não tinha ficado.

Pois é, carregaram a munição que tinha comprado, carregaram tudo.

Se acabou tudo, isso tudo era as panelas, a fava, o milho, se acabou muita coisa.

(VILA NOVA)

Esta região aqui é uma das regiões mais conflitantes do estado, historicamente mais conflitantes, porque nos anos 63, 64, 65 foi feito a BR-010 e essa outra estrada que liga o Piauí à Belém.

E aqui ficou um grande centro de mata, e o pessoal começou a vir para cá, os trabalhadores, e começaram a ocupar essa área de terra.

Logo depois em 76 por aí assim começou a entrar para cá as grandes fazendas. Os fazendeiros vinham com seus jagunços e aí ia pegando o povo, não é, e expulsando. Muitos deles era preciso matar o pai de família para poder expulsar a viúva porque ela não tinha força.

Então foram expulsando o pessoal das matas e o pessoal foi se alojando na beira dessa estrada aqui logo que ela foi feita a BR-222.

Esse foi o primeiro processo, nesse processo houve algumas resistências isoladas né, inclusive nessa região aqui foi morto o Palmeira não é, o Palmeira que foi o primeiro presidente do Sindicato de Imperatriz que tentou resistir nessa região.

Aqui foram queimados vários povoados, isso aqui foi uma história assim muito triste.

O pessoal foi pra beira da estrada e logo em 83 a gente chegava por essa região. E surgia no sul do país o movimento "Sem Terra" e o governo do estado fazia... o governo federal fazia uma grande propaganda da reforma agrária.

A gente sabia, nós, que o governo não ia dar terra pra ninguém, que aquilo era babado, mas era uma oportunidade pra gente organizar o pessoal.

E daí a gente começou, dividiu, desde do 100 até o Santo Onofre, nos cadastramos 5.200 sem terra, e fizemos 120 grupos.

Cada grupo com os seus coordenadores, uma forma de... a discussão era essa, a gente ia se preparar pra receber a reforma agrária do governo, mas na verdade a gente tava se preparando para poder conquistar a terra.

E daí de lá para cá, nego vem, vem vindo, hoje são nove fazendadas que tão desapropriadas na região. Tem oito totalmente ocupadas 5.600 a 6.200 trabalhadores já conquistaram um pedaço de terra assim na base da força.

Então nesse sentido os trabalhadores também aprenderam que era necessário se organizar, não somente com a organizaçãozinha de botar a Bíblia debaixo do braço e sair rezando, né, porque nesse ponto aí morreu muitos companheiros, ~~de~~ Bíblia e tudo. *c*

A gente ficava era besta, aquela procissão de companheiros, cada um com uma enxada, um chega e mostrava o machado assim: "machado enferrujado, muito tempo que não corta".

Ah, ah, companheiro! Esse machado tem que cortar é agora!

(CANÇÃO DO VILA NOVA)

"O risco que corre o pau
corre o machado
não há o que temer
Aquele que manda matar
também poder morrer.

Nós estamos em guerra
lado de lá já decretou
pois já paga o pistoleiro BIS
pra matar lavrador.

O risco que corre o pau
corre o machado
não há o que temer
aquela que manda matar
também pode morrer.

E a nossa proposta
pois a gente quer ganhar
se matarem um daqui BIS
dois de lá vamos matar.

Realização
CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA

MURILO SANTOS
Som, roteiro e edição

VINCENT CARELLI
Fotografia, roteiro e edição

IARA FERRAZ
Pesquisa e produção

CLEITON CAPELLOSSI
Som e finalização

APOIO

CEPASF- Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular.

SDDH- Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos.

SMDDH- Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos.

CENTRU/Imperatriz- Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural.

CAT- Centro Agrário do Tocantins.

UFPA- Universidade Federal do Pará.

APOIO FINANCEIRO
Juventude Católica Austríaca
(Dreikonigsaktion der Katholischen Jungschar Osterreichs)

(VILA NOVA)

Então isso deu uma nova mentalidade na questão da luta.